

E o Sri Lanka? Excertos de três artigos

Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP)

À semelhança de grande parte do mundo, o Sri Lanka fez a sua Revolução Verde a partir de meados da década de 1960, com importações de fertilizantes químicos e subsídios ao seu uso que resultaram num enorme aumento da produtividade das culturas, permitindo a autossuficiência alimentar em muitos produtos (e.g. arroz) e uma melhoria generalizada da riqueza e do bem-estar do país, com o crescimento das exportações de chá, borracha, coco e especiarias, bem como de têxteis. A médio prazo, porém, em finais do século XX, os efeitos negativos dos agroquímicos também se começaram a fazer sentir em termos ambientais, do solo e da saúde humana, suscitando a criação de um movimento designado por Viyath Maga¹ que defendia, entre outras coisas, o regresso a uma agricultura mais tradicional.

Em dezembro de 2019, o então recém-eleito presidente do Sri Lanka, Gotabaya Rajapaksa, divulgou a sua estratégia para o país sob o título de Quadro de Política Nacional – Perspetivas de Prosperidade e Esplendor, que incluía o objetivo de tornar a agricultura mais produtiva e sustentável, prometendo “promover e divulgar a agricultura biológica” num período de dez anos e “uma revolução no uso de fertilizantes”.²

Inesperadamente, porém, em abril de 2021, o mesmo presidente, invocando razões ambientais e de saúde humana, mas confrontado sobretudo com o impacto provocado pela pandemia de COVID-19 nas receitas do turismo e nas remessas dos emigrantes de que o país dependia muito, com uma dívida externa preocupante e uma crescente redução das divisas, determinou a proibição, a partir do mês seguinte, das importações de fertilizantes sintéticos e outros agroquímicos (pesticidas e herbicidas), impondo assim o Modo de Produção Biológico (MPB) a todo o país.

Na altura, trinta cientistas e especialistas tentaram em vão advertir que “uma abordagem prudente seria avançar para um sistema alimentar mais ecológico e sustentável, utilizando uma combinação adequada de nutrientes orgânicos e inorgânicos, com uma redução progressiva da utilização dos segundos. O objetivo deve ser atingir o justo equilíbrio entre fertilizantes inorgânicos e orgânicos, ao mesmo tempo que se regulamenta e restringe com rigor a importação e utilização de agroquímicos, como se faz em muitos países desenvolvidos do mundo. O objetivo, por outras palavras, deve ser obter uma produção ótima com o mínimo de efeitos nocivos para as pessoas e o ambiente. Uma abordagem gradual será a mais indicada para evitar crises a curto prazo.”³

Os três artigos que se seguem analisam este caso de diferentes perspetivas.

TÍTULO: “In Sri Lanka, Organic Farming Went Catastrophically Wrong”

<https://foreignpolicy.com/2022/03/05/sri-lanka-organic-farming-crisis/>

AUTORES: Ted Nordhaus e Saloni Shah

EDITOR: Foreign Policy

DATA DE PUBLICAÇÃO: 5 de março de 2022

Em dezembro de 2021, “confrontado com uma crise económica e humanitária cada vez mais profunda, o Sri Lanka cancelou” a experiência.

“Em 2020, o custo total das importações de fertilizantes e correspondentes subsídios era de cerca de 500 milhões de dólares ao ano. Com o aumento dos preços dos fertilizantes, era provável que este valor

¹ <http://www.viyathmaga.org/>

² National Policy Framework Vistas of Prosperity and Splendour:

<https://www.fao.org/faolex/results/details/en/c/LEX-FAOC203372/>

³ “Development of eco-friendly sustainable farming systems in Sri Lanka”

<https://scientist.lk/2021/06/08/sri-lanka-going-organic-rethink-the-strategy-agriculturists-write-to-president/>

umentasse ainda mais em 2021. A proibição de fertilizantes sintéticos parecia permitir a Rajapaksa matar dois coelhos de uma cajadada: melhorar a situação do país em termos de divisas e reduzir ao mesmo tempo uma enorme despesa com subsídios de um orçamento público muito afetado pela pandemia.”

Porém, “a perda de receitas provenientes do chá e de outras exportações foi muito superior à redução da saída de divisas resultante da proibição da importação de fertilizantes. O resultado final foi ainda mais negativo devido ao aumento da importação de arroz e outros alimentos básicos. E as poupanças orçamentais resultantes do corte de subsídios acabaram por ser ultrapassadas pelo custo de compensar os agricultores e de subsidiar os alimentos importados.”

Os autores desenham depois em traços largos uma breve história da agricultura:

“A agricultura é, no fundo, um empreendimento termodinâmico bastante simples. A produção de nutrientes e energia sob a forma de calor é determinada pela entrada de nutrientes e energia. Durante a maior parte da história humana, a principal forma de os seres humanos aumentarem a produção agrícola foi adicionando terra ao sistema, o que expandia a quantidade de radiação solar e de nutrientes do solo disponíveis para a produção alimentar. As populações humanas eram relativamente pequenas, menos de mil milhões de pessoas no total, e não havia escassez de terra arável para essa expansão. Por esta razão, a grande maioria das alterações antropogénicas no uso global da terra e na desflorestação foi o resultado da extensificação agrícola – o processo de conversão de florestas e pradarias em terras de cultivo e pastagens semeadas. Ao contrário de noções populares de que a agricultura pré-industrial existia em maior harmonia com a natureza, três quartos da desflorestação global total ocorreram antes da revolução industrial.

Mesmo assim, alimentar essa população exigia direcionar praticamente todo o trabalho humano para a produção de alimentos. Ainda há 200 anos, mais de 90 por cento da população mundial trabalhava na agricultura. A única forma de trazer energia e nutrientes adicionais para o sistema de modo a aumentar a produção era deixar a terra em pousio, fazer rotação de culturas, utilizar culturas de cobertura, ou adicionar estrume do gado que ou partilhava a terra com as culturas ou pastava nas proximidades. Em quase todos os casos, estas práticas exigiam terra adicional e colocavam um limite à produtividade.

A partir do século XIX, a expansão do comércio global permitiu a importação de guano – extraído de antigos depósitos em ilhas com grandes populações de aves – e outros fertilizantes ricos em nutrientes de regiões distantes para explorações agrícolas na Europa e nos Estados Unidos. Isto e uma série de inovações tecnológicas – melhores máquinas, irrigação e sementes – permitiram um aumento do rendimento das culturas e da produtividade do trabalho em algumas explorações agrícolas, o que por sua vez libertou mão-de-obra, dando assim início a uma urbanização em grande escala, uma das características que definem a modernidade global.

No entanto, a verdadeira rutura transformadora veio com a invenção do processo de Haber-Bosch por cientistas alemães no início do século XX, que utiliza altas temperaturas e pressões e um catalisador químico para extrair azoto do ar e produzir amónia [NH₃], a base dos fertilizantes sintéticos. Estes transformaram por completo a agricultura global e, com ela, a sociedade humana. A adoção generalizada destes fertilizantes na maioria dos países permitiu um rápido aumento das produtividades e possibilitou que a mão-de-obra humana passasse da agricultura para setores que oferecem rendimentos mais elevados e uma melhor qualidade de vida.

A aplicação generalizada de fertilizantes sintéticos permite agora à agricultura alimentar quase 8 mil milhões de pessoas em todo o mundo, das quais cerca de 4 mil milhões dependem para o seu sustento do aumento de produção que eles possibilitam. Em resultado disso, os sistemas modernos que permitiram à agricultura alimentar a população da Terra são muito mais intensivos em energia do que os sistemas alimentares do passado, sendo os fertilizantes sintéticos uma fonte significativa dessa energia para as culturas.

Quando, depois da Segunda Guerra Mundial, estes fertilizantes ficaram mais disponíveis e foram combinados com outras inovações, como o melhoramento vegetal moderno e projetos de irrigação em grande escala, aconteceu uma coisa notável: a população humana mundial mais do que duplicou –

mas graças aos fertilizantes sintéticos e a outras tecnologias modernas, durante o mesmo período, a produção agrícola triplicou utilizando apenas mais 30% de terra.

Os benefícios dos fertilizantes sintéticos vão, todavia, muito além da mera alimentação da população. Não é exagero dizer que sem fertilizantes sintéticos e outras inovações agrícolas, não há urbanização, nem industrialização, nem classe trabalhadora ou classe média a nível global, nem ensino secundário para a maioria das pessoas. Isto acontece porque os fertilizantes e outros agroquímicos substituíram o trabalho humano, libertando enormes camadas da população da necessidade de dedicarem a maior parte da sua vida ao cultivo de alimentos.”

O artigo centra-se em seguida em certas questões ligadas à agricultura biológica:

“Praticamente a totalidade da produção da agricultura biológica serve duas populações em extremos opostos da distribuição global de rendimentos. Num extremo, estão os cerca de 700 milhões de pessoas que ainda vivem em condições de extrema pobreza em todo o mundo. Os defensores da agricultura sustentável chamam de uma maneira um pouco singular à agricultura praticada por esta população ‘agroecologia’. No entanto, trata-se sobretudo de uma agricultura de subsistência à moda antiga, em que as pessoas mais destituídas obtêm com dificuldade o seu sustento da terra.

São os agricultores mais pobres do mundo, que dedicam a maior parte do seu trabalho ao cultivo de alimentos suficientes para subsistirem. Dispensam fertilizantes químicos e a maioria das outras tecnologias agrícolas modernas não por opção, mas porque não podem adquiri-los, presos numa armadilha de pobreza em que não lhes é possível produzir excedentes agrícolas suficientes para ganharem a vida a vender alimentos a outras pessoas e, por conseguinte, não têm meios para comprar esses fertilizantes e outras tecnologias que lhes permitiriam aumentar a produção e obter excedentes.

No outro extremo do espectro, estão as pessoas mais ricas do mundo, principalmente no Ocidente, para quem consumir alimentos biológicos é uma opção de estilo de vida associada a noções de saúde pessoal e benefícios ambientais, bem como a ideias românticas sobre agricultura e o mundo natural. Destes consumidores de alimentos biológicos, poucos são os que cultivam os seus próprios alimentos. A agricultura biológica para estes grupos é um nicho de mercado – ainda que lucrativo para muitos produtores – que representa menos de 1% da produção agrícola global.

Enquanto nicho dentro de um sistema agrícola mais vasto e industrializado, a agricultura biológica funciona razoavelmente bem. Os produtores obtêm normalmente rendimentos mais baixos, mas poupam dinheiro em fertilizantes e outros fatores de produção químicos, enquanto vendem a um nicho de mercado de consumidores privilegiados dispostos a pagar um valor adicional por produtos com o rótulo biológico. As produtividades são inferiores, mas não desastrosamente, porque há muitos nutrientes disponíveis que se podem introduzir no sistema através do estrume. Enquanto os alimentos biológicos permanecerem um nicho de mercado, a relação entre produtividades mais baixas e aumento do uso da terra permanece controlável.”⁴

Os autores afirmam ainda que tentar estender este nicho para alimentar vastas populações urbanas não pode ter resultados positivos, dando o exemplo da produção de chá no Sri Lanka que em MPB poderia sofrer uma redução de 50%: “O Sri Lanka ... é o quarto maior exportador mundial de chá, com este produto a representar uma parte de leão das exportações agrícolas do país, que por sua vez são responsáveis por 70% das receitas totais da exportação.

Não é concebível que as vendas de exportação para o mercado biológico de maior valor possam compensar as fortes quebras na produção. O mercado global de chá biológico, por exemplo, representa apenas cerca de 0,5 por cento do mercado do chá. Só a produção de chá do Sri Lanka é maior do que esse mercado global de chá biológico. Inundar este mercado com a maior parte ou toda a produção de chá cingalês, mesmo depois de a produção ter caído para metade devido à falta de fertilizantes, iria quase certamente fazer cair a pique os preços globais do chá biológico.

⁴ Ver também, sobre este tema: <https://tecnico.ulisboa.pt/pt/noticias/estudo-de-cientistas-do-tecnico-conclui-que-actual-agricultura-biologica-nao-permitiria-alimentar-toda-a-humanidade-em-2050/>

A ideia de que o Sri Lanka alguma vez poderia substituir os fertilizantes químicos por fontes orgânicas produzidas internamente sem efeitos catastróficos no seu setor agrícola e no ambiente é ainda mais absurda. Seria necessário 5 a 7 vezes mais estrume animal para obter a mesma quantidade de azoto que era fornecido às explorações do Sri Lanka pelos fertilizantes sintéticos em 2019. Mesmo tendo em conta a aplicação excessiva de fertilizantes sintéticos, o que é claramente um problema, e outras incertezas, não haverá muito provavelmente terra suficiente no pequeno país insular para produzir uma tal quantidade de fertilizante orgânico. Qualquer tentativa de produzir tais quantidades exigiria uma enorme expansão das explorações pecuárias, com todos os prejuízos ambientais adicionais que isso implicaria.

A manutenção da agricultura no Sri Lanka, tanto para consumo interno como para produtos de exportação de elevado valor, iria sempre exigir a importação de energia e nutrientes para o sistema, quer sejam orgânicos ou sintéticos. E os fertilizantes sintéticos serão sempre a forma mais económica e ambientalmente eficiente de o fazer.”

Assim, concluem:

“No Sri Lanka, como noutros lugares, não faltam problemas associados a uma agricultura intensiva em agroquímicos e de grande escala. Mas as soluções para estes problemas – sejam elas inovações que permitam aos agricultores fornecer fertilizantes de forma mais precisa às plantas quando estas necessitam, tratamentos de bioengenharia do microbioma do solo que fixem o azoto reduzindo a necessidade tanto de fertilizantes como de mobilizações, ou culturas geneticamente modificadas que requerem menos pesticidas e herbicidas – serão tecnológicas, dando aos agricultores novas ferramentas em vez de remover antigas que se têm revelado cruciais para a sua subsistência. Estas permitirão a países como o Sri Lanka mitigar os impactos ambientais da agricultura sem empobrecer os agricultores nem destruir a economia. Os defensores da agricultura biológica, pelo contrário, empenhados em falácias naturalistas e desconfiados da ciência agrícola moderna, não conseguem oferecer soluções plausíveis. O que oferecem, como o desastre do Sri Lanka pôs a nu, é miséria.”

TÍTULO: “Sri Lanka’s organic farming disaster, explained” <https://www.vox.com/future-perfect/2022/7/15/23218969/sri-lanka-organic-fertilizer-pesticide-agriculture-farming>

AUTOR: Kenny Torrella

EDITOR: Vox

DATA DE PUBLICAÇÃO: 15 de julho de 2022

“A agricultura é a espinha dorsal do desenvolvimento económico – está na base da nossa subsistência e da segurança alimentar. ... [O debate] deve ser menos sobre questões ideológicas ou sobre qual das duas agriculturas é a melhor, e mais sobre qual a combinação de tecnologias, práticas e condições de mercado que será mais útil para estimular o desenvolvimento e capacitar os agricultores’.”

“A economia do Sri Lanka está em queda livre. A inflação galopante atingiu 54,6% no mês passado, e o país do Sul da Ásia está agora a caminho da bancarrota. (...)

Não há uma causa única para a crise, que se vinha agravar há anos devido a corrupção política e a uma política autoritária que fragilizou a democracia. Em abril de 2019, a crise acelerou após atentados suicidas em igrejas terem prejudicado a indústria do turismo, uma atividade económica crucial para este país insular, o que enfraqueceu a sua moeda e tornou mais difícil para o governo a importação de bens essenciais.

No final de 2019, reduções de impostos diminuíram as receitas governamentais, enquanto em 2020 a pandemia de COVID-19 provocou ainda mais danos no turismo, com uma inflação a subir em flecha lançando mais gasolina para o fogo.”

O autor explica o que o presidente Rajapaksa tentou fazer ao proibir a importação de fertilizantes sintéticos, ressaltando que “em vez de resolver a crise, porém, esta política apenas a agravou.” Por exemplo, “a produção de arroz [caiu] 20% nos seis meses após a sua implementação, levando um país que tinha sido autossuficiente nesta cultura a gastar 450 milhões de dólares em importações de arroz – muito mais do que os 400 milhões de dólares que terão sido poupados com a proibição das importações de fertilizantes.”

“Embora os agroquímicos causem diversos problemas ambientais e de saúde pública, que em parte inspiraram a proibição, também ajudam os agricultores a cultivar mais alimentos em menos terra, o que é crucial para países pequenos e em desenvolvimento como o Sri Lanka, que dependem da agricultura tanto para o sustento da população como para obter rendimento através das exportações. Faz sentido de muitas maneiras sair de um sistema alimentar muito baseado em agroquímicos, mas o exemplo do Sri Lanka sublinha a importância de estar atento ao contexto económico, político, e social de qualquer reforma.

Cerca de cinco meses após a proibição, os agricultores foram autorizados a começar a utilizar fertilizantes sintéticos no cultivo do chá e em algumas outras culturas, mantendo-se a proibição em vigor para outras. Nessa altura, porém, grande parte dos prejuízos já tinham ocorrido.

Esta implementação precipitada do modo de produção biológico não só acelerou uma crise económica há muito em curso, mas também cristalizou posições no debate sobre agricultura convencional versus agricultura biológica, demonstrando até que ponto são importantes as culturas de elevado rendimento em economias ainda muito baseadas na agricultura.

O Sri Lanka, que só recentemente saiu de uma guerra civil catastrófica, tinha sido um exemplo de desenvolvimento a nível internacional: em 2000, 17% dos cingaleses estavam subnutridos e, em 2019, esse número caíra para 7%, fazendo cerca de 2 milhões de pessoas escaparem da fome. A crise económica, causada em parte pelo desastre da agricultura biológica e que agora atingiu o ponto de ebulição, irá de uma forma simultaneamente terrível e irónica, destruir parte desses progressos.”

À semelhança do artigo anterior, o autor refere em seguida os compromissos que estão na base de toda a atividade agrícola, relatando a experiência do Sri Lanka com a Revolução Verde e as suas consequências positivas e negativas.

“Muitos defensores da agricultura biológica argumentam também que a dependência por parte dos países de baixo rendimento de produtos químicos importados de países de elevado rendimento os priva da sua própria segurança alimentar, tornando-os vulneráveis como aconteceu no Sri Lanka. A maioria dos agricultores cingaleses apoiava uma transição para a agricultura biológica, mas queria mais do que um ano para o fazer – e precisava de mais apoio do que aquele que lhes foi dado.

Por muito terríveis que sejam os efeitos de fertilizantes e pesticidas sintéticos, a sua utilização tem de ser ponderada face às consequências trazidas pela perda de rendimento das culturas: fome, redução das receitas de exportação, aumento da desflorestação, e, se forem totalmente proibidos, como ficou demonstrado no Sri Lanka, crises políticas. Existem, no entanto, formas de minimizar os efeitos dos agroquímicos sem os abandonar completamente.

Minimizar os danos da agricultura industrial

O Instituto de Recursos Mundiais (WRI), com sede nos EUA, diz que não basta manter as produtividades atuais – os governos de todo o mundo precisam de aumentar os rendimentos por hectare para alimentar 10 mil milhões de pessoas até 2050, para que os agricultores não sejam obrigados a desflorestar cada vez mais terra para compensar essas produtividades mais baixas, desflorestação essa que tem um enorme impacto ambiental.

Satisfazer uma procura inevitável – ao mesmo tempo que se minimizam as questões ambientais e de saúde pública provocadas pelos agroquímicos e se continuam a aumentar as produtividades – é

complicado mas possível (...) através de melhoramento vegetal, fertilizantes azotados mais eficientes e tecnologias de agricultura de precisão, como drones e sensores” (...).

“Na China, um estudo feito ao longo de dez anos⁵ em que 21 milhões de agricultores receberam formação sobre como gerir melhor solo, água e fertilizantes, mostra os progressos que podem ser alcançados. O programa resultou num aumento de 11% no rendimento das culturas de milho, trigo e arroz, e numa redução de 15-18% na utilização de fertilizantes azotados.

Práticas populares entre os defensores da agricultura biológica também ajudariam, como o recurso a culturas de cobertura, consociação de culturas, adição de fertilizantes orgânicos juntamente com fertilizantes químicos, e plantação de árvores e arbustos em explorações agrícolas, naquilo que se designa por sistemas agroflorestais.

‘Julgo que, no mundo ocidental, nos podemos perder facilmente no debate biológico/convencional’, diz Saloni Shah [um dos autores do artigo anterior, analista agrícola do Breakthrough Institute]. ‘A agricultura é a espinha dorsal do desenvolvimento económico – está na base da nossa subsistência e da segurança alimentar. ... [O debate] deve ser menos sobre questões ideológicas ou sobre qual das duas agriculturas é a melhor, e mais sobre qual a combinação de tecnologias, práticas e condições de mercado que será mais útil para estimular o desenvolvimento e capacitar os agricultores.’”

A concluir, o autor afirma:

“Com o tempo, o Sri Lanka poderá obter algum alívio da tensão resultante dos seus compromissos agrícolas. Segundo a teoria económica subjacente à curva ambiental de Kuznets⁶, quando os países atingem um certo nível de rendimento per capita, o crescimento económico e a poluição ambiental podem dissociar-se, à medida que o país vai conseguindo aplicar regulamentação e práticas ambientais mais eficazes sem sacrificar o crescimento económico, como o rendimento das culturas.

A dissociação destes dois aspetos está longe de estar garantida, mas alguns países conseguiram-no. À medida que o Sri Lanka for aumentando a sua riqueza nacional, irá sendo mais capaz de dar prioridade ao ambiente e à saúde pública sem que milhões de pessoas passem fome; no entanto, a atual crise – agravada pela transição biológica repentina e precipitada – tornou esse dia mais distante no tempo.”

TÍTULO: “Sri Lanka aims for food security after ill-fated fertilizer ban”

<https://asia.nikkei.com/Spotlight/Sri-Lanka-crisis/Sri-Lanka-aims-for-food-security-after-ill-fated-fertilizer-ban>

AUTOR: Kanika Gupta

EDITOR: Nikkei Asia

DATA DE PUBLICAÇÃO: 24 de outubro de 2022

“Confrontado com grandes dificuldades de liquidez, o governo do Sri Lanka prometeu ainda assim recuperar a segurança alimentar do país – uma promessa difícil de cumprir num país que tem uma das mais altas taxas de inflação alimentar do mundo e está ainda a amaldiçoar a política agrícola do anterior governo de Rajapaksa, que foi abruptamente destituído.

O Programa Alimentar Mundial (PAM) estima que mais de 6 milhões de cingaleses, quase 30% da população, estão atualmente em estado de insegurança alimentar e a precisar de assistência humanitária. Com a taxa de inflação dos alimentos a atingir cerca de 90% ao ano nos últimos meses, o PAM afirmou que cerca de 86% das famílias estão a comprar alimentos mais baratos e menos nutritivos e, em alguns casos, a saltar refeições.⁷

⁵ <https://www.nature.com/articles/nature25785.epdf>

⁶ <https://www.sciencedirect.com/topics/earth-and-planetary-sciences/environmental-kuznets-curve>

⁷ Sri Lanka: Rising prices reduce access to food for millions <https://www.wfp.org/stories/sri-lanka-rising-prices-reduce-access-food-millions>

Em setembro de 2022, o novo presidente Ranil “Wickremesinghe disse que o seu governo tinha ‘conseguido’ 200 milhões de dólares para o fornecimento de fertilizantes para a atual campanha de produção (...). Falou também do panorama geral, afirmando que a modernização deveria estar em pleno andamento no final de 2023 e que o Sri Lanka devia procurar ‘obter divisas com a agricultura’ (...).

Resta saber que forma assumirá esta modernização. No entanto, enquanto Colombo tenta olhar para o futuro, o Sri Lanka e os seus agricultores continuam assombrados pelo passado recente.

A proibição abrupta pelo ex-Presidente Rajapaksa de fertilizantes e pesticidas sintéticos em abril de 2021, a favor do modo de produção biológico é amplamente considerada como um ponto de viragem na crise económica. Mesmo os defensores da agricultura biológica abanam a cabeça quando olham para trás para essa decisão, que surgiu quando a economia já estava à beira do colapso devido ao impacto da COVID-19 no turismo.

‘A comissão consultiva do presidente para a implementação da nova política agrícola não tinha nenhum conhecimento sobre agricultura biológica’, explicou Thilak Kariyawasam, presidente do Movimento para a Agricultura Biológica de Lanka, uma organização profissional criada em 1994 para promover este tipo de agricultura. Esse grupo de trabalho de 46 elementos encarregado de criar um roteiro para a agricultura biológica não tinha ‘nenhuma noção de como a agricultura biológica funciona’, argumentou.

‘Não conseguiram encontrar inputs orgânicos adequados para a campanha seguinte, o que se tornou um enorme problema para os agricultores’, continua. ‘A agricultura biológica não dá resultados da noite para o dia. São precisas duas a três campanhas para desenvolver o microbioma que melhora a qualidade do solo. Era durante esse período que os agricultores precisavam de apoio governamental. Mas esse apoio não veio.’

(...)

Um relatório do Departamento de Agricultura dos EUA em 2021 especulava que ‘a falta de capacidade de produção de fertilizantes orgânicos, associada à ausência de um plano formalizado de importação de fertilizantes orgânicos em vez de fertilizantes sintéticos, aumenta o potencial de impactos adversos na segurança alimentar”. Foi exatamente isso que aconteceu.

(...)

Embora a proibição geral de importação de agroquímicos tenha sido revertida em novembro de 2021, os estragos estavam feitos. A escala de produção ainda não recuperou totalmente, uma vez que o setor continua sob pressão da escassez das divisas necessárias para a compra desses produtos.

(...)

Apesar da ira gerada pela proibição de produtos químicos, a agricultura biológica tem um grande apoio. Um inquérito realizado em julho de 2021 pela Verite Research, um grupo de reflexão com sede em Colombo, concluiu que 64% dos agricultores concordavam com uma transição para a agricultura biológica, mas 78% dos que apoiavam esta mudança disseram que precisariam de mais de um ano para se adaptarem.

O governo não vai desistir da agricultura biológica. O Ministério da Agricultura recomendou o uso de 70% de fertilizantes sintéticos nesta campanha, sendo o restante composto por fertilizantes orgânicos. O ministério diz que será concedido um subsídio de 20 000 rupias (54 dólares) àqueles que aplicarem fertilizante orgânico nos seus arrozais.

Apesar dos incentivos, no entanto, alguns especialistas veem a política anterior como um ‘ponto de não retorno’. A ‘marca biológica ganhou má fama no último ano, gerando ideias negativas no espírito dos cidadãos comuns que nem sequer têm nada a ver com a agricultura biológica’, disse [Prasanna] Hettiarachchi [fundadora da Saaraketha Holdings, o maior exportador e retalhista de produtos alimentares biológicos certificados do Sri Lanka]. ‘Quase passámos fome por causa desta loucura. Na

minha opinião pessoal, será muito difícil lançar novamente este tipo de programa, e penso que nenhum outro governo alguma vez o tentará sequer, porque seria suicídio político.”

Comentário

O caso do Sri Lanka ajuda a salientar a importância da agricultura e da alimentação em todos os momentos da história e sobretudo em situações de crise. Sublinha também que, na agricultura, decisões de fundo tomadas por decreto e impostas de cima têm muitas vezes consequências nefastas a mais ou menos longo prazo. Veja-se, por exemplo, a Campanha do Trigo em Portugal e os problemas de solos e as questões sociais que gerou. Ou, noutra escala bem mais terrível, o extermínio de pardais na China de Mao Tse-Tung, ou a imposição dos métodos pseudocientíficos de Trofim Lysenko na então União Soviética, e as fomes que ajudaram a gerar. Para não falar do aterrador Plano da Fome nazi.

A Revolução Verde de meados do século passado permitiu efetivamente evitar muita fome e desflorestação, garantindo o autoaprovisionamento a muitos países e contribuindo para o grande aumento da população humana. Nos finais do século XX e início do século XXI, porém, certos países, alarmados com alguns dos seus impactos perniciosos em termos ambientais e de saúde, declararam intenções de passarem a ter 100% da agricultura em modo de produção biológico.

Contudo, quer se trate da Dinamarca (onde 80% da população consome algum tipo de alimentos de produção biológica, a qual representa 12% das vendas totais de produtos alimentares e corresponde a 11% de agricultores⁸) ou da Estónia (22% de agricultores em MPB), da Suíça (15%⁹) ou de pequenos estados como o Liechtenstein (42%), Sikkim (Índia) ou o Butão¹⁰ (estes dois últimos onde há uma grande percentagem de agricultura tradicional equiparável à agricultura biológica, embora não certificada), a viabilidade da aplicação desses projetos a todo o sistema agrícola de um país não está demonstrada e os processos de transição são sempre mais complexos do que parecem, implicando a gestão de muitos equilíbrios diferentes.

Todos parecem reconhecer que é necessário evoluir para sistemas agroalimentares mais sustentáveis. Para isso, é necessário não apenas mais conhecimento e experiência, como também evitar soluções radicais e só aparentemente simples.



Cartaz da Campanha das 4 pragas, China, 1958

⁸ Livro Branco sobre agricultura biológica – 2021:

https://foodnationdenmark.com/wp-content/uploads/White-paper-Organic_ENGLISH-WEB.pdf

⁹ "Is 100% organic farming a revolution too far?", julho de 2022:

<https://www.swissinfo.ch/eng/is-100--organic-farming-a-revolution-too-far-/47492106>

¹⁰ "Bhutan's challenges and prospects in becoming a 100% organic country", setembro de 2022:

<https://hk.boell.org/en/2022/09/08/bhutans-challenges-and-prospects-becoming-100-organic-country>